

Amor  
e  
Psique

## **Coleção AMOR E PSIQUE**

### **O feminino**

- *As deusas e a mulher*, J. S. Bolen
- *A prostituta sagrada*, N. Q. Corbett
- *O medo do feminino*, E. Neumann
- *Os mistérios da mulher*, Esther Harding
- *Liderança feminina: Gestão, psicologia Junguiana, espiritualidade e a jornada global através do purgatório*, Karin Jironet

### **O masculino**

- *No meio da vida: Uma perspectiva Junguiana*, M. Stein
- *Os deuses e o homem*, J. S. Bolen
- *Sob a sombra de Saturno*, J. Hollis

### **Psicologia e religião**

- *Uma busca interior em psicologia e religião*, J. Hillman
- *Letras imaginativas: breves ensaios de psicologia arquetípica*, Marcus Quintaes

### **Sonhos**

- *Aprendendo com os sonhos*, M. R. Gallbach
- *Breve curso sobre os sonhos*, R. Bosnak
- *Os sonhos e a cura da alma*, J. A. Sanford
- *Como entender os sonhos*, Mary Ann Mattoon
- *Sonhos na psicologia junguiana – novas perspectivas no contexto brasileiro*, Marion Rauscher Gallbach / Durval Luiz de Faria / Laura Villares de Freitas (org.)
- *Pã e o pesadelo*, J. Hillman

### **Maturidade e Envelhecimento**

- *A passagem do meio*, James Hollis
- *No meio da vida*, M. Stein

### **Contos de fada e histórias mitológicas**

- *A individuação nos contos de fada*, Marie-Louise von Franz
- *A interpretação dos contos de fada*, Marie-Louise von Franz
- *Mitologemas: encarnações do mundo invisível*, J. Hollis
- *O Gato*, M.-L. von Franz
- *O que conta o conto?*, Jette Bonaventure
- *O que conta o conto? (II) – Variações sobre o tema mulher*, Jette Bonaventure

### **O puer**

- *O livro do Puer, ensaios sobre o arquétipo do Puer Aeternus*, J. Hillman
- *Puer aeternus*, M.-L. von Franz

### **Relacionamentos e parcerias**

- *Eros e pathos*, A. Carotenuto
- *Os parceiros invisíveis: O masculino e o feminino*, J. A. Sanford

### **Sombra**

- *Mal, o lado sombrio da realidade*, J. A. Sanford
- *Os pantanais da alma*, J. Hollis

### **O autoconhecimento e a dimensão social**

- *Meditações sobre os 22 arcanos maiores do tarô*, anônimo
- *Encontros de psicologia analítica*, Maria Elci Spaccaquerche (org.)

### **Psicoterapia, imagens e técnicas psicoterápicas**

- *Psiquiatria junguiana*, H. K. Fierz
- *O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte*, G. M. Furth
- *O abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério*, A. G.-Craig
- *Saudades do Paraíso: perspectivas psicológicas de um arquétipo*, M. Jacobi
- *O mistério da Coniunctio: imagem alquímica da individualização*, E. F. Etinger
- *Psicoterapia junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças: Padrões básicos de intercâmbio emocional*, Mario Jacoby
- *Medicina arquetípica*, Alfred J. Ziegler

### **Corpo e a dimensão fisiopsíquica**

- *Dionísio no exílio: Sobre a repressão da emoção e do corpo*, R. L.-Pedraza
- *Presença no corpo – Eutonia e psicologia analítica*, Marcel Gaumond

### **Outros**

- *O mundo interior do trauma: defesas arquetípicas do espírito pessoal*, Donald Kalsched
- *A família em foco – sob as lentes do cinema*, M.R. Reis / M. E. Spaccaquerche

JAMES HILLMAN

# PÃ E O PESADELO



Título original: *Pan and the Nightmare*

"An Essay on Pan": copyright © James Hillman 1972

"Ephialtes": copyright © Spring Publications 1972

Tradução: *Carla C. Pilon*

*Daniel F. Yago*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação editorial: *Dra. Maria Elci Spaccaquerche*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Coordenador de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Revisão: *Tarsila Doná*

*Caio Pereira*

Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Hillman, James, 1926- .

Pã e o pesadelo / James Hillman; [tradução Carla C. Pilon, Daniel F. Yago]. -- São Paulo:

Paulus, 2015. -- (Coleção Amor e psique)

Título original: *Pan and the Nightmare*.

ISBN 978-85-349-4241-6

1. Autoconhecimento 2. Hillman, James. Ensaios sobre Pan 3. Pesadelos 4. Psicologia - Aspectos religiosos 5. Sonhos - Interpretação I. Título. II. Série.

15-06990

CDD-154.632

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Pesadelos: Psicologia 154.632

1ª edição, 2015

© PAULUS – 2015

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700

[www.paulus.com.br](http://www.paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-85-349-4241-6

## INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes desses caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa de alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas para as nossas feridas e os nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma assim como ela é. Desse modo é que poderemos reconhecer que essas feridas e esses sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Essa perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si

mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de inserir mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entender novamente a linguagem da alma”, como C. G. Jung o desejava.

*Léon Bonaventure*

## AGRADECIMENTOS

A tradução de “Efiáltes” foi feita por A. V. O’Brien em Viena entre 1963-64 e lá editada por A. K. Donoghue, que, embora prevendo dificuldades à frente, também previu o valor desta empreitada. Ele, juntamente com Renate Welsh, duelou com a maioria das referências. A versão final foi preparada para publicação por Murray Stein, com a assistência de James Fenwick para a tradução das palavras em grego. Patricia Berry editou meu ensaio; Valerie Donlevy projetou e supervisionou a edição do livro. Sou grato a Rafael López-Pedraza pelas nossas conversas sobre o tema de Pã e a James Redfield, que, na Universidade de Chicago em 1968, leu toda a tradução e o esboço anterior do ensaio sugerindo melhorias para esta edição revisada.

Eu também gostaria de reconhecer meu débito para com os livros (mencionados em toda parte deste volume, nos locais apropriados) de Ernest Jones, Reinhard Herbig e Patricia Merivale, em cujos essenciais trabalhos para este tema as necessárias referências acadêmicas puderam ser achadas, e, por fim, meu débito a Wilhelm Heinrich Roscher.

JH

Zurique, 1971

O trabalho acadêmico de Philippe Borgeaud e Roberto Malini (referidos no texto) precisa ser mencionado.

JH

Thompson, 2000

Parte I  
UM ENSAIO SOBRE PÃ

NOVA EDIÇÃO REVISADA

Por  
*James Hillman*

Sócrates: Oh, divino Pã, e vós, deuses todos da corte celestial, deuses deste lugar, ajudai-me a buscar a beleza interior e fazei com que as coisas exteriores se harmonizem com a beleza espiritual!

– Platão, *Fedro*, 279-B

Pois o real significado do Pesadelo, se porventura fosse devidamente apreciado, em primeiro lugar, por profissionais de excelência e, em seguida, pelo grande público, em minha opinião, acarretaria consequências tanto de ordem científica quanto de ordem social, para as quais o termo “grandioso” bem poderia ser aplicado. O que está em jogo nada mais é que o próprio sentido da religião em si.

– Ernest Jones, *Sobre o pesadelo*, 1931

## A PSIQUE RETORNA À GRÉCIA

... Padrões internos brotam de uma profunda fonte que não foi produzida pela consciência e não está sob seu controle. Na mitologia dos tempos antigos, estas forças eram chamadas de *mana*, ou de espíritos, demônios e deuses. Eles continuam tão ativos na atualidade quanto estavam no passado. Se eles estão de acordo com nossos desejos, os chamamos de bons pressentimentos ou impulsos... Se eles vão contra os nossos desejos, dizemos que é má sorte, ou que as pessoas estão contra nós, ou ainda que a causa de nossos infortúnios deva ser patológica. Recusamo-nos a admitir que dependemos de “poderes” que não estão sob nosso controle.<sup>1</sup>

Se a tendência à dissociação não fosse inerente à psique humana, os sistemas psíquicos fragmentários jamais teriam se cindido; em outras palavras, nem os espíritos nem os deuses poderiam ter surgido. Esta é também a razão pela qual nossa época tornou-se tão completamente atea e profana: carecemos de todo o conhecimento sobre a psique inconsciente e nos dedicamos de tal modo ao culto da consciência que excluímos tudo mais. *Nossa verdadeira religião é o monoteísmo da consciência, estamos possuídos por ela*, ao passo que também negamos fanaticamente a existência de sistemas fragmentários autônomos.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Man and his Symbols* (1961), 82 [cf. *CW 18*, § 554]. Para definir o cenário de nossa investigação sobre uma das figuras divinas mais estranhas de nossa história, Pã, e uma das experiências mais terríveis de nossa psique, o pesadelo, começaremos com duas passagens de C. G. Jung e uma passagem longa minha.

<sup>2</sup> *CW 13*, § 51 (os itálicos são meus).

Quando o monoteísmo da consciência não pode mais negar a existência de sistemas autônomos fragmentários e não pode mais cuidar de nosso estado psíquico atual, surge a fantasia de retorno ao politeísmo grego. Pois esse “retorno à Grécia” se oferece como uma forma de mediação quando nossos centros não mais se sustentam e tudo desmorona. A alternativa politeísta não resolve as oposições conflituosas entre a besta e Belém, entre caos e unidade; ela permite a coexistência de todos os fragmentos psíquicos e concede-lhes padrões na imaginação da mitologia grega. Um “retorno à Grécia” foi experimentado na própria Roma antiga, no Renascimento italiano e na psique romântica dos tempos de revolução. Em anos recentes, foi parte intrínseca da vida de artistas e pensadores como Stravinsky, Picasso, Heidegger, Joyce e Freud. O “retorno à Grécia” é uma resposta psicológica ao desafio do colapso; ele oferece um modelo de integração desintegrada.

Já se escreveu o bastante para justificar o “retorno à Grécia” desde os pontos de vista estéticos, filosóficos e culturais. Nossa cultura tem se voltado para a Grécia em busca de glória passada, de perfeição, de graça e clareza de mente, e também quando ela busca por suas “origens”, pois na Grécia foi onde nossa cultura começou. Mas nosso objetivo aqui é olhar para a Grécia em busca de compreensão psicológica. Estamos tentando compreender o que é essa “Grécia” que tanto convoca a psique e o que a psique lá encontra.

Quando a visão dominante de mundo que dá coesão a um período da cultura se fissa, a consciência retorna aos seus reservatórios mais antigos, procurando por fontes de sobrevivência que também ofereçam fontes para o seu renascimento. Os críticos estão certos quando veem esse “retorno à Grécia” como um desejo regressivo de morte, como um escape dos conflitos contemporâneos em direção a mitologias e a especulações de um mundo de fantasia.

Mas olhar para trás permite que avancemos, pois olhar para trás reanima a fantasia do arquétipo da criança, *fons et origo*, que é um momento tanto de fraqueza impotente quanto de um futuro que se desvela. A “renascença” (renascer) seria uma palavra sem sentido sem a consideração da dissolução que ela implica, a verdadeira morte da qual vem esse renascimento. Os críticos perdem de vista a validade e a necessidade da regressão. Também lhes escapa a necessidade de uma regressão que seja especificamente “grega”.

Nossa cultura oferece duas vias alternativas de regressão. Essas vias têm sido chamadas helenismo e hebraísmo, e elas representam as alternativas psicológicas de multiplicidade e unidade. Podemos ver ambas as alternativas em momentos críticos da história ocidental, por exemplo, quando do declínio de Roma, que acompanhou Constantino rumo ao cristianismo (como se havia começado a chamar o hebraísmo). Voltamos a vê-las novamente em momentos como na Renascença e na Reforma, quando o sul da Europa retornou ao helenismo e o norte, ao hebraísmo.

O hebraísmo reconfirma o monoteísmo da consciência egoica. Esse caminho convém quando a consciência de uma época ou de um indivíduo sente que sua sobrevivência é mais bem assegurada por um padrão arquetípico de heroísmo e unidade. A imagem primitiva de Cristo era composta pelo militar Mitra e pelo musculoso Hércules; a conversão de Constantino, que definitivamente virou o jogo contra o politeísmo clássico, foi anunciada por uma visão marcial que veio a ele justo antes que começasse sua batalha. De modo semelhante, o judaísmo da Reforma, a despeito de sua tolerância para com a contestação, a diversidade e os cismas, era arquetipicamente inspirado pela fantasia de uma força heroica unificada; o indivíduo era concebido como uma unidade indivisível de respon-

sabilidade armada que se coloca ante a Deus, face a face, o encontro primordial. Nos nossos dias, o caminho monocêntrico é percorrido sempre que tentamos resolver uma crise da alma através dos meios da psicologia do ego, sempre que tentamos “reformatar”.

A psique em crise tem, naturalmente, outras fantasias. O múltiplo do helenismo e o uno do hebraísmo não são as únicas saídas de que dispõe a psique para sair de seu dilema patológico. Há a fuga para o futurismo e para suas tecnologias, o voltar-se para o Oriente e para o mundo interior, o retorno ao primitivo e ao natural, o movimento de ascensão e saída definitiva por meio da transcendência. Mas essas alternativas são menos autênticas. Elas são simplistas; negligenciam nossa história e os direitos que as imagens têm sobre nós; urgem-nos a fugir do apuro ao invés de nos aprofundarmos nele, fornecendo-lhe um pano de fundo cultural e uma estrutura diferenciada.

As ficções científicas e as ficções da ciência, as instruções de índios americanos e de conselheiros orientais – por mais sábios e brilhantes que todos eles possam ser – falham em nos lembrar de nossa história imaginária no Ocidente, as imagens que efetivamente trabalham em nossas almas. Ao circundarmos nossa tradição imaginal, estas acabariam por nos asilar ainda mais. Então, os caminhos alternativos do helenismo e do hebraísmo agem como repressões, endossando uma ausência de alma que suas imagens poderiam contribuir para reparar.

O hebraísmo falha em ir de encontro ao dilema atual simplesmente porque ele está muito bem estabelecido, demasiadamente idêntico à nossa visão moralista de mundo: há uma Bíblia no quarto de todo andarilho, onde seria melhor que encontrássemos a *Odisseia*. Não somos capazes de encontrar renovação alguma na tradição de nosso eu consciente, mas tão somente uma reiteração dos hábitos empedernidos de uma mente monocêntrica que

desejaria manter a coesão de seu universo através de sermões culpabilizantes e de autossuperação.

O helenismo, contudo, traz a tradição da imaginação inconsciente; a complexidade politeísta grega que nos antecipa as nossas situações psíquicas complicadas e desconhecidas. O helenismo favorece a renovação ao oferecer maior espaço e outro tipo de bênção para todos os tipos de imagens, de sentimentos e moralidades peculiares que constituem nossa real natureza psíquica. Ela não mais necessitaria ser livrada do mal se, anteriormente, ela não é imaginada como má.

Se em nossa desintegração não somos capazes de reintegrar todos os nossos fragmentos a partir de uma psicologia monoteísta do ego, ou não mais conseguimos nos iludir com um futurismo progressivo, ou com um primitivismo natural, que antes funcionavam tão bem, e se precisamos de uma complexidade que esteja à altura de nossa sofisticação, então devemos retornar para a Grécia. “Nenhuma outra mitologia conhecida por nós – seja ela evoluída ou primitiva, antiga ou moderna – apresenta a mesma complexidade e qualidade sistemática que a grega.”<sup>3</sup> A Grécia nos oferece o padrão policêntrico de politeísmo mais ricamente elaborado de todas as culturas<sup>4</sup> e, por isso, é capaz de conter o caos das personalidades secundárias e dos impulsos autônomos de um domínio, de uma época ou de um indivíduo. Essa extraordinária diversidade oferece à psique fantasias multifacetadas para que possa refletir sobre suas muitas possibilidades.

Por detrás e por dentro de toda cultura grega – na arte, no pensamento e na ação –, há seu pano de fundo mítico policêntrico. Esse era o mundo psíquico imaginal

<sup>3</sup> KIRK, G. S., *Myth, its meaning and Function* (Stanford: University of California Press, 1970), 205.

<sup>4</sup> LEEUW, G. van der, *Religion in Essence and Manifestation* (I: 19, 4).

do qual a “glória que é a Grécia” veio. Esse pano de fundo mítico talvez estivesse menos circunscrito ao ritual e aos cultos religiosos em vigência do que às mitologias de outras grandes culturas. Em outras palavras, o mito grego serviria de modo menos específico como religião e de modo mais geral como psicologia, agindo na alma tanto como estímulo quanto como continente diferenciado para a extraordinária riqueza psíquica da Grécia antiga.

Mas a “Grécia” para a qual nos voltamos não é literal; ela inclui todos os períodos, do minoico ao helenístico, todas as localidades, da Ásia Menor à Sicília. Esta “Grécia” se refere a uma região psíquica histórica e geográfica, a uma Grécia fantástica e mítica, uma Grécia interior da mente que só indiretamente está ligada à geografia e à história reais – de modo que estas, então, perderiam seu valor. “[...] Até a época do Romantismo, a Grécia não era mais que um museu habitado por pessoas pelas quais se tinha o maior desprezo.”<sup>5</sup>

Petrarca, que no século XIV se empenhou mais que qualquer um para dar novamente vida à literatura da Antiguidade, não sabia ler em grego. Winckelmann, no século XVIII, que se empenhou mais do que qualquer outro em fazer reviver o classicismo e que inventou o culto moderno à Grécia, jamais colocou os pés lá e talvez nunca tenha visto uma única escultura grega importante em sua versão original. Nem Racine, tampouco Goethe, Hölderlin, Hegel, Heine, Keats e nem mesmo Nietzsche estiveram na Grécia. Ainda assim, todos eles reconstituíram a “Grécia” em suas obras. Byron é a absurda – e fatal – exceção. Obviamente, a língua grega, a literatura, a política e a ciência eram conhecidas naqueles séculos. Sócrates era cultuado, a estatuária, a arquitetura e a

<sup>5</sup> WEISS, Roberto, *Renaissance Discovery of Classical Antiquity* (Oxford: Blackwell, 1969), 140.

métrica eram copiadas, mas poucos de fato foram até a Grécia empírica, e raramente se consultavam os textos gregos originais. Era uma “imagem de Grécia carregada de emoção” que imperava.<sup>6</sup> E essa imagem conservou sua carga de emoções por meio de um conjunto contínuo de mitos (os “mitos gregos” e a metáfora de “Grécia”) que se mantiveram na consciência dos tempos pós-helênicos aos nossos dias atuais.

A “Grécia” persiste mais como uma paisagem interior do que uma paisagem externa, uma metáfora para o reino imaginal, em que os arquétipos enquanto deuses foram colocados. Portanto, podemos ler todos os documentos e fragmentos de mito deixados pela Antiguidade também como relatos ou testemunhos do imaginal. A arqueologia se torna arquetipologia, apontando menos para a história literal do que para as realidades eternas da imaginação, falando-nos sobre o que se passa agora na realidade psíquica.

O retorno à Grécia não é nem um retorno a uma época histórica passada, nem a uma época imaginária, “era dourada” utópica que desapareceu ou que poderia reaparecer novamente. Pelo contrário, a “Grécia” nos oferece uma chance de rever nossas almas e nossa psicologia através de locais imaginais e de pessoas, ao invés do tempo. Mudamo-nos em definitivo do pensamento temporal e da historicidade para irmos em direção a uma região imaginal, um arquipélago diferenciado de localizações, *onde* os deuses estão, e não para o tempo *quando* eles lá estavam ou *quando* ainda estarão.

É provável que surjam polêmicas opondo a Grécia enquanto fato e enquanto fantasia, uma vez que a filologia histórica e literária tradicionalmente vê a sua Grécia

<sup>6</sup> OSBORN, J. M., *Travel Literature and the Rise of neo-Hellenism in England* (Bull. New York Public Library, 67, 1963), 300.

de maneira literal, e que cada geração de estudiosos se deleita em desmascarar as interpretações fantasiosas perpetradas pela geração precedente. De fato, pode-se dizer que a Grécia interior da imaginação afeta as perspectivas da filologia clássica – um domínio profundamente absorto no que está enterrado, quebrado e remanescente, em raízes e origens desconhecidas, em mitos e deuses, no que está especialmente sujeito à influência dos arquétipos no arranjo e interpretação de seus “fatos”. Os deuses parecem batalhar precisamente neste campo e, devido àquela paixão arquetípica, as línguas mortas, tão convocadas a justificar racionalmente sua relevância nos dias atuais, são mantidas com vida pela própria psique em razão de sua importância para a imaginação.

Nós retornamos à Grécia para redescobrir os arquétipos de nossa mente e de nossa cultura. A fantasia lá retorna para se tornar arquetípica. Ao retroceder para o mítico, para o não factual, para o não histórico, a psique pode reimaginar seus predicamentos factuais e históricos a partir de outro ponto de vista. A Grécia se converte na múltipla lente de aumento por meio da qual a psique pode reconhecer suas pessoas e seus processos em configurações maiores que a vida, mas que, ainda assim, concernem à vida de nossas personalidades secundárias.<sup>7</sup>

\* \* \*

Quando falamos, a Grécia está dentro de nossas palavras: quando pensamos, construímos, calculamos e organizamos, a Grécia está dando forma a nossas mentes. Até a ideia de uma ideia é grega. A verdade não deve negar os valores herdados de outras culturas, seus

<sup>7</sup> A totalidade dessa passagem é de James Hillman, *Re-visionary Psychology* (New York: Harper & Row, 1975), 27-30. Na edição brasileira (James Hillman, *Re-vedo a psicologia*, tradução de Gustavo Barcellos, RJ: Vozes, 2010), esse trecho corresponde aproximadamente às páginas 87-94, “Uma digressão sobre o ‘retorno à Grécia’”. (N.T.)

grandes deuses, suas imagens, suas almas. No entanto, relativizar a “Grécia” enquanto somente uma influência cultural, puni-la por ser demasiado ocidental, branca, masculina, hierárquica e muito distante no passado é recair em uma literalidade racista. Com isso, me refiro a uma série de erros. Em primeiro lugar, constitui um erro identificar imaginação com geografia, psicologia com sociologia e tempo com causalidade (por exemplo, considerarmos que só porque as culturas chinesas, africanas, egípcias e semitas são mais antigas, seriam também mais proeminentes em nossas psiques). Em segundo lugar, é um erro confinar a psique a uma herança genética; pois a mente não é determinada pelo seu sangue nem pela sua pele. E em terceiro lugar, e talvez o mais grave de todos, constitui um erro personalizar a psique naquilo que suas opiniões pessoais consideram relevantes para seus problemas pessoais; essa é uma maneira habitual de se evitar escavar até as raízes arquetípicas da imaginação na história coletiva, raízes que afetam os problemas sem que se esteja consciente disso. Sejamos tibetanos ou jamaicanos, tenhamos nascido às margens do Mar Vermelho ou Amarelo, sem qualquer resquício de Grécia em nossos ossos e sem a mais vaga ideia sobre os mitos gregos, porque estamos inexorável e inegavelmente imersos no curso irrefreável do que se tornou a civilização euro-americana atlântica – suas noções sobre leis e educação, tecnologia e raciocínio, psique e pessoa –, para nos conhecermos, devemos retornar à Grécia, onde essa ideia foi formulada pela primeira vez.

Há uma boa razão para que Pã seja o guia desse retorno à imaginação da Grécia – esse tipo de mentalidade que precedeu a civilização cristã. O famoso relato de Plutarco (*ca.* 46-120 d.C.), no qual ele anuncia a morte do Grande Deus Pã, coincide com a ascensão do cristianismo. Lendas, imagens e a teologia atestam um conflito

irreconciliável entre Pã e Cristo, uma tensão que nunca findou em que o Diabo, com seus chifres, cascos e corpo peludo, não é nenhum outro senão o velho Pã, visto pelo espelho do cristianismo.

A morte de um é a vida do outro. Esse contraste aparece novamente no simbolismo de seus corpos, suas geografias, suas retóricas. Um tem a caverna, o outro, o Monte; um tem a música, o outro, a Palavra; as patas de Pã saltam e dançam mesmo sendo tortas, peludas e com cascos de bode, as pernas de Jesus estão quebradas e esticadas; seus pés, cruzados e pregados. Jesus, o Bom Pastor; Pã, o ingovernável e rebelde bode. Pã está nu e é fálico; Jesus, circuncidado, coberto e assexuado.

O conflito Pã/Jesus apresenta enormes dificuldades para o indivíduo em nossa civilização. Como se poderiam superar os obstáculos históricos de modo a reentrar na imaginação pagã de Pã e em sua natureza sem cair em um culto satânico e selvagem? Não poderíamos simplesmente nos desfazer de nossa história, mas devemos lutar contra os preconceitos.

O famoso ensaio de Matthew Arnold (“Hebraísmo e Helenismo”) define esse preconceito. “A ideia motriz do hebraísmo”, diz ele, “é a rigidez da consciência”, ao que a do helenismo é “a espontaneidade da consciência”. Portanto, os fenômenos espontâneos de Pã – pânico, necessidades sexuais, pesadelos – são abordados a partir de um ponto de vista moral. Dizem-nos que devemos lutar no combate do bem contra estes maus impulsos.

A história ocidental nos deixou duas alternativas igualmente repugnantes. Ou adoramos um Pã árcade da Natureza sentimentalizada que ofereceria a libertação dessa história, ou bem o amaldiçoamos como um demônio pagão que ameaçaria a civilização com atavismo anárquico e outros excessos com rótulos psicológicos, como a sombra, a atuação, o exibicionismo ou o id. A maneira

pela qual cada um de nós responde aos chamados de Pã e é por ele guiado para o território da “Grécia” depende em grande parte do matiz cristão que subjazeria nas nossas atitudes mais íntimas.

Assim, parece que a única possibilidade de se atravessar a ponte rumo à imaginação dos antigos requer que deixemos do lado de cá esses pontos de vista preconceituosos, enobrecidos como “civilizados”, e que seguem repetindo a morte de Pã, sentimentalizando-o e demonizando-o ao mesmo tempo.

Rafael Lopez-Pedraza mostrou em “Um Conto de Dríope e o Nascimento de Pã”<sup>8</sup> que o renascimento de Pã e do reino que chamamos de imaginal, mítico e grego se inicia com as manifestações de Pã na esfera privada e nas reações pessoais de cada indivíduo perante seus fenômenos: estupro, masturbação, pânico noturno, sedução das ninfas e outros eventos induzidos por Pã que nos forçam a sair de nossos hábitos civilizados. Essas são as maneiras pelas quais a música de Pã nos alcança. Esses são os caminhos de retorno, a epístrofe para a imaginação. Portanto, o retorno à Grécia não é nem uma idealização nostálgica, um romantismo estético, nem um estudo estruturalista e distante de simbólico. Pelo contrário, trata-se de uma descida à caverna.

<sup>8</sup> Spring, 1976, *An Annual of Archetypal Psychology and Jungian Thought*, 176-190. O texto também se encontra no livro *Hermes e seus filhos*, de Rafael Lopez-Pedraza (São Paulo: Paulus, 1999). (N.T.)